

O discurso de Paulo em Atenas e a evangelização das cidades hoje

Rita Maria Gomes¹

Resumo: A pastoral, de um modo geral, e a urbana, em particular, enfrenta muitos desafios em sua ação. Nesta reflexão, o foco é o desafio da linguagem. Partindo de At 17,16-34 e usando a metodologia de análise do texto sagrado e de bibliografia sobre o tema, busca-se entender como a linguagem é determinante para a evangelização nos grandes centros urbanos. Para tal, seguem-se os seguintes passos: análise literária de At 17,16-34, a configuração das grandes metrópoles hodiernas e a consideração da linguagem eficaz na evangelização. Com isso, pretende-se concluir que o maior desafio para a pastoral urbana hoje passa pela linguagem.

Palavras-chave: Atos 17. Linguagem. Pastoral urbana.

17

1 Introdução

A pastoral urbana é por si só um desafio, pois, quando se começou a falar em uma “pastoral urbana”, havia uma clareza conceitual entre urbano e rural. Aliás, em muitas de nossas paróquias ainda se usa essa nomenclatura para fazer a diferença entre as comunidades dos centros urbanos e as das periferias ou sítios. No entanto, essa categorização baseada apenas no espaço geográfico não é mais suficiente para definir o que é urbano e o que é rural, pois a vida das pessoas hoje não se configura ou constitui tão marcadamente pela situação geográfica como antes.

Para iluminar esta reflexão, busca-se o fundamento bíblico na experiência de Paulo em Atenas. Em seguida, reflete-se sobre as “Atenas” atuais, ou os “novos areópagos”, tendo como horizonte a análise de At 17,16-34. Por fim, analisa-se o desafio da linguagem para esse tempo e essa nova humanidade redesenhada a partir de sua relação com o mundo digital.

2 A evangelização de Paulo em Atenas (At 17,16-34)

Para bem situar a tentativa de evangelização da cidade de Atenas, faz-se necessário seguir alguns passos metodológicos, e o primeiro deles é a delimitação do trecho a ser analisado. Nesse sentido, como a intenção é a evangelização de Atenas, considera-se o limite inicial quando a cidade é citada, e isso ocorre em At 17,16, quando o texto indica a presença de Paulo “em Atenas”. O limite final encontra-se em 17,34 porque em At 18,1 o texto informa o deslocamento de Paulo: “Paulo deixou Atenas e foi para Corinto”.

¹ Doutora em Teologia bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia [FAJE]. Professora e pesquisadora na Universidade Católica de Pernambuco [UNICAP]. E-mail: rita.gomes@unicap.br



Uma vez identificados os limites inicial e final, busca-se os elementos estruturados do texto, tais como substantivos, verbos, preposições que se repetem e sua localização. O nome da cidade “Atenas” só aparece três vezes em Atos, a saber, em 17,15, quando o autor informa que Paulo foi levado para lá; em 17,16, quando informa que ele se encontra na cidade; e em 18,1, quando informa que deixou a cidade. Isso indica uma sequência lógica na narrativa; no entanto, indica também que o nome da cidade não serve como elemento estruturador da narrativa mesma.

No entanto, uma localização específica dentro da cidade chama a atenção: o Areópago ou melhor dizendo a “Ares Pago”, a Colina de Ares. O lugar é indicado na narrativa no acusativo, ou seja, como objeto do enunciado (17,19). Esse é o lugar para onde Paulo é conduzido. Vai aparecer novamente, agora no genitivo, para indicar que ele se encontrava no meio, no lugar central. Uma referência indireta é feita ao lugar no v. 34, quando informa que Dionísio era um “areopagita”, ou seja, um membro do antigo tribunal ateniense que reunia o conselho dos anciãos. Do ponto de vista da análise morfológica, teríamos “membro da corte de Ares”. Isso significa que esse lugar na cidade de Atenas é estruturante no texto.

Outro elemento estruturante é o próprio Paulo como personagem e principal agente. Ele é aquele que toma a palavra e discursa no centro do Areópago. Outros personagens aparecem em diálogo com Paulo, mas isso é muito reduzido e sem uma indicação clara, apenas um indistinto “alguns”. Considerando espaço, personagens e conteúdo, pode-se propor a seguinte estrutura do trecho de At 17,16-34:

Motivação inicial: a idolatria dos atenienses (v. 16)

Destinatários: judeus e devotos; os presentes na praça (v. 17-18a)

Reação inicial às palavras de Paulo: o que dizem os que o ouvem? (v. 18b)

Motivação para o discurso: a curiosidade dos filósofos (vv. 19-20)

Destinatários do discurso: atenienses e estrangeiros residentes (v. 21)

Discurso: Jesus e a ressurreição dos mortos (vv. 22-31)

Reação final: rejeição e acolhida (vv. 32-34)

Para as motivações, os destinatários das falas de Paulo e as reações, o autor ocupa em média de um a dois versículos, mas o discurso ocupa dez versículos. Isso é um indício claro de que o tema principal desse trecho é o que diz Paulo aos atenienses e estrangeiros ali residentes que se encontravam no Areópago. Isso é reforçado pelo fato de que, no primeiro movimento, o texto não apresenta o teor dos ensinamentos de Paulo quando discute com seus interlocutores da sinagoga e da praça, enquanto no Areópago isso é dito e de forma bem extensa.

Ricardo da Costa, ao considerar a retórica clássica, recorda que:



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Aristóteles apresenta três tipos possíveis de discursos: 1) os *judiciais* (a respeito de fatos já ocorridos), 2) os *deliberativos* (decisões possíveis de serem tomadas no futuro) e 3) os *demonstrativos* (nos quais não era necessário decidir nada, apenas concordar [ou não], na qualidade de ouvinte, com as afirmações e os juízos de valor do orador (Costa, 2019, p. 357).

De acordo com essa definição, o discurso de Paulo poderia ser encaixado no terceiro tipo, pois Paulo, com sua retórica, quer demonstrar que o “deus desconhecido” é o que ele apresenta em Jesus, morto e ressuscitado. Costa apresenta ainda as partes do discurso que são:

2.1. *inventio* (os argumentos), *dispositivo* (a ordem dos argumentos), *elocutio* (a ornamentação com recursos estilísticos), *memoria* (a memorização do discurso) e *actio* (a gesticulação e a dicção), e 2.2. dos sentimentos que devem ser incentivados na audiência – *conciliare* (como atrair o público), *probare* (como persuadir com argumentos) e *movere* (como emocionar os ouvintes) (Costa, 2019, p. 359).

Os elementos do primeiro nível não serão analisados aqui, até porque alguns deles não temos como ter acesso. Cabe aqui apresentar a correspondência dos elementos do segundo nível no discurso de Paulo. O primeiro deles, *conciliare*, que corresponde à atração do público, está claramente presente na primeira afirmação de Paulo: “Atenienses, em tudo eu vejo que sois extremamente religiosos” (17,22b). O *probare*, na tentativa de persuadir, encontramos as diversas afirmações paulinas sobre o Deus Criador e Jesus que fora ressuscitado. Em toda essa parte, Paulo recorre a termos e expressões conhecidos pela filosofia grega, e isso faz com que mantenha sua audiência em escuta (Andrade, 2017, p. 30). Paulo utiliza, por assim dizer, a mesma gramática dos filósofos gregos (Vanhoye, 1999, p. 10).

O último elemento, o *movere*, parece não ter acontecido porque o tema da ressurreição gerou uma reação imediata, deixando, aparentemente, o discurso de Paulo inacabado. O texto informa que, “quando o ouviram” falar da ressurreição, disseram: “ouviremos você de novo sobre isso”. O versículo seguinte já informa que Paulo saiu “do meio deles” (ἐκ μέσου αὐτῶν), numa clara relação com o início, quando ele “no meio deles” (ἐν μέσῳ τοῦ) começou a falar.

Com isso chegamos ao ponto inconciliável entre judeus-cristãos e gregos: a ressurreição. No entanto, mesmo Paulo saindo do meio deles com um aparente fracasso em seu labor de evangelização, houve frutos. O v. 34 diz que alguns poucos foram tocados pelo discurso evangelizador de Paulo e cita o nome de um homem e uma mulher: Dionísio e Dâmaris, entre outros. Na verdade, os nomes dos dois convertidos parecem indicar mais uma leitura teológica que mascara o fracasso da missão de Paulo do que uma memória histórica de conversão. Pode-se levantar esta hipótese porque Dionísio é o nome do deus do vinho na mitologia grega. O nome



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Dâmaris normalmente é explicado como significando “ovelha” ou “novilha” porque fazem o nome derivar do termo grego δάμαλις.

Esse termo pode ser traduzido por “bezerra, donzela, moça” (Pereira, 1990, p. 119). Porém, ainda que as letras λ e ρ possam ser intercambiáveis na pronúncia, a escrita é claramente diferente. Existe um termo grego que parece mais próximo do nome citado, que é δάμαρ, que significa “esposa” (Pereira, 1990, p. 120). Se o nome da personagem for uma junção de δάμαρ com Ἀρης, o nome do deus da guerra, tem-se um sentido que reforçaria a leitura teológica, porque colocaria na colina de Ares a conversão do deus do vinho e da esposa do deus da guerra. Mais do que a conversão de alguns filósofos, tem-se a conversão de outros “deuses”.

20

3 A evangelização cristã nas “Atenas” atuais: os desafios de ontem e hoje

Com o desenvolvimento tecnológico, o “urbano” chegou aos lugares geograficamente rurais e mudou os hábitos e a cosmovisão das pessoas que ali vivem. Hoje, qualquer ação pastoral que se faça será, em certo modo, pastoral urbana. Isso significa ter presente que não se pode mais fazer a distinção entre as comunidades a serem evangelizadas tomando como primeiro elemento a localização geográfica, e sim sua “localização” social, onde quer que a pessoa se encontre.

No ambiente urbano, ainda permanece certa distinção entre as metrópoles e as demais cidades. Nesse caso, faz-se necessário um estudo para determinar se, do ponto de vista da ação pastoral, a diferença é tão significativa que mereça uma forma especial de se fazer pastoral. Não o creio, mas também não cabe no escopo desta reflexão.

No mundo urbano-tecnológico, no entanto, permanecem os problemas sociais que incluem ou excluem as pessoas do acesso à saúde, à moradia, à educação etc. Assim se expressa Olga Caro:

Oferecem muitos avanços a nível tecnológico e científico. Proporcionam mais comodidades em termos de habitação, educação, saúde, transportes, lazer, etc., mas, ao mesmo tempo, são focos da maior desigualdade social, que se manifesta na estrutura urbana, na precarização habitacional, na desorganização migratória, na exclusão, na xenofobia e na poluição ambiental, entre muitos outros aspetos (Caro, 2019, p. 10).

Em meio a tudo isso, há que se considerar que o acesso à informação, sem qualquer filtro, tem também seus efeitos colaterais e a Igreja perde força em sua função de formadora de opinião. Com isso, entende-se que o principal “areópago” moderno é a Rede Mundial de Computadores (*World Wide Web*), mais conhecida como Web. Chega-se, então, ao problema a ser tratado aqui: a comunicação no areópago hodierno.



Não basta fazer-se presente nas redes sociais para realmente comunicar e fazer-se relevante do ponto de vista da evangelização. Não é suficiente apenas seguir a onda das *trends*. Alguns religiosos se expõem “ao ridículo”, fazendo dancinhas para angariar seguidores nas redes sociais. No entanto, a questão permanece: houve evangelização? Há testemunho de vida que alcance verdadeiramente os anseios das pessoas? Ou, em vez de evangelizar, os pretensos missionários das redes são cooptados pelos algoritmos e apenas se tornam mais um *influencer* de sucesso, ou mais um fracassado digital?

4 O desafio principal: a comunicação eficaz

Não é recente a observação que se faz a respeito da ineficácia da comunicação eclesial, embora antes se pensasse a partir da dificuldade de recepção da teologia latino-americana da libertação, reconhecendo que havia certa “impermeabilidade do discurso” (Gomes, 2011, p. 42). Ainda que o tema seja outro, o fato é que a linguagem adequada para a transmissão da fé continua sendo um desafio. Mesmo Paulo, com toda sua sabedoria e perspicácia, usando uma metodologia que nenhum leitor sensato questionaria, não foi tão bem-sucedido como pensava que seria em sua evangelização dos atenienses.

Isso pode ser um bom ensinamento para a missão atual: não basta usar a mesma gramática e as mesmas ferramentas. Parece que, para uma evangelização realmente eficaz, mais que palavras, é necessário testemunho de vida, presença de qualidade, escuta ativa, respeito às diferenças e acolhida real das pessoas com suas dinâmicas e angústias. Mais que discursos bem elaborados e que comovem momentaneamente, precisa-se de vidas que inspirem e questionem profundamente. Nesse sentido, ilumina esta questão a análise de Amaral e Cunha sobre o ensinamento de Jesus no chamado Sermão da Montanha Assim se expressam:

Jesus ensina com *exousia*, poder-autoridade e ao mesmo tempo ensina o que é fundamental, o essencial para aqueles que vão continuar a segui-lo [...]. O ensinamento de Jesus vai além da transferência de conhecimento intelectual ou da sabedoria popular. Antes, o ensinamento de Jesus tem *exousia* porque é atestado pelo seu testemunho de vida (*martyrio*) (Motta Cunha; Amaral, 2021, p. 811).

Os autores ancoram a eficiência, ou seja, a autoridade de Jesus em seu testemunho de vida mais que na eloquência de um discurso. A linguagem da autoridade passa pela retidão da vida, pela coerência e adequação entre o pensar, o falar e o agir².

² Essa adequação remonta à ideia de Fichte de perfeição. Para ele o ser humano tende, como humanidade, à perfeição. Individualmente é inalcançável, mas cada indivíduo deve se esforçar para dar sua contribuição. Assim, a base de sua lei moral é “nunca esteja, no tocante às determinações de sua vontade, em contradição consigo mesmo” (Tomazella, 2011).



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

5 Considerações finais

Após esse percurso, faz-se necessário fazer um balanço das descobertas e projetar algumas possibilidades. Primeiro, a linguagem continua sendo o maior desafio; porém, ela não pode ser pensada apenas como palavra, discurso. É necessário tomá-la em seu sentido amplo, pois a linguagem mais eficaz passa pelos gestos de acolhida e de presença real e significativa. Testemunhar o Senhor com a própria vida continua sendo a melhor forma de chegar às pessoas e ter credibilidade.

Segundo, os areópagos atuais constituem os mais diversos ambientes virtuais da web e são tão desafiadores quanto foi o de Atenas para Paulo. Não há apenas muitos “deuses” e um desconhecido ao qual se deve dar a conhecer. Há cada vez mais ídolos e o risco de o missionário criar mais um, ou, no pior dos casos, tornar-se um.

Terceiro e último, ainda que se acerte a linguagem e se testemunhe com fidelidade os ensinamentos do Senhor, ainda haverá fracassos na missão. Pois o Senhor é sempre proposta, jamais imposição, e nem todas as pessoas aceitarão seu testemunho. No entanto, o diálogo respeitoso, inclusive com os que não acolhem a evangelização, é esperado, porque o próprio Deus deu a cada ser humano a liberdade de dizer “não”, inclusive para Ele; o relato de Gn 3 nos testemunha isso.

Referências

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. A importância de Paulo para uma pastoral que dialoga. **Vida Pastoral**, São Paulo, SP, v. 58, n. 313, p. 27-32, 2017.

CARO, Olga. Consuelo Vélez. Pastoral urbana hacia la ciudad de la misericordia. **Proyección – Teología y Mundo Actual**, [S. l.], v. LXVI, n. 272, p. 9-24, 2019. Disponível em: <https://revistas.uloysola.es/ptma/article/view/5409>. Acesso em 10 de abr. 2026.

COSTA, Rodrigo da. A retórica na Antiguidade e na Idade Média. **Trans/Form/Ação**, Marília-SP, v. 42, n. spe, p. 353-390, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2019.v42esp.18.p353>. Acesso em: 28 mar. 2026.

GOMES, Rita Maria. Atualidade da experiência de libertação e impermeabilidade do discurso libertador. **Pensar – Revista eletrônica da FAJE**, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, p. 39-44, 2011. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/976>. Acesso em: 10 abr. 2026.

MOTTA CUNHA, Carlos Alberto; AMARAL, Júnior Vasconcelos do. Pastoral urbana: o “ver” decolonial de Jesus. **Revista Pistis Praxis**, [S. l.], v. 13, n. 2, 4 out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.13.02.DSO7>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/28261>. Acesso em: 13 abr. 2026.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário grego-português e português-grego**. Porto: Apostolado da Imprensa, 1990.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

TOMAZELLA, Marlon. A figura do erudito segundo Fichte. *Revista Educação Pública*, [S. l.], v. 11, n. 40, p. 1-4, 2011. Disponível em: <https://doi.org/O-18264/REP>. Acesso em: 13 abr. 2026.

VANHOYE, Albert. The discourse at the Areopagus and the universality of truth. *L'Osservatore Romano*, Vaticano, p. 9-10, 24 fev. 1999. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20030821071258/http://www.trincomm.org/research/retrieve.cfm?RecNum=881>. Acesso em: 15 abr. 2026.

